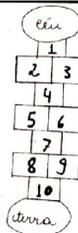


# RELATO DE EXPERIÊNCIA



## SEMANA DE GINÁSTICA: UM OLHAR SUPERADOR

CRISTINA BORGES DE OLIVEIRA\*

### RESUMO:

Este texto relata a experiência vivenciada na disciplina Ginástica I, do curso de Educação Física, UFG/CAC, com o objetivo de problematizar o desenvolvimento histórico da ginástica em suas muitas variações na atualidade e verificar as possibilidades de sua utilização no espaço escolar a partir da construção coletiva, em uma perspectiva crítico-superadora.

PALAVRAS-CHAVE: Ginástica - Educação Física Escolar

O acesso à história nos permite novas interpretações sobre o passado em função do constante movimento dialético por que passa. O passado é, segundo Bloch (s.d., p. 5), “por definição um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa”.

---

\* Professora da disciplina Ginástica I do curso de Educação Física UFG/ Campus Avançado de Catalão

Assim, buscamos justificar a importância do conhecimento sobre a história da Educação Física a partir da compreensão do que foi o movimento ginástico europeu do século XIX, da importância deste movimento para a moderna educação física e da relevância destes pontos no que se refere à formação profissional em Educação Física.

Entendemos que a ginástica emerge a nível de metodologia e é sistematizada na sociedade oitocentista como expressão política, científica, cultural e social dos ideais de uma classe social (burguesia) na luta pela consolidação de sua hegemonia. Segundo Soares (1997, p. 204) “a ginástica do século XIX revelou-se como uma forma singular de ‘educação’ do corpo. Expressa uma concepção de limpeza não só corporal, mas moral e social, dadas as justificativas que foram elaboradas ao redor de sua aplicação”.

Aceita pelos círculos científicos e reconhecida pelos intelectuais da época, a ginástica afirmou-se como parte da educação do corpo ao reformular radicalmente seus princípios tomando como ponto de partida os parâmetros fornecidos pela ciência. Passa a ser veiculada, então, “como conjunto de normas de bem viver. É desse modo, devolvida à população como forma correta de ensinar o corpo a adquirir forças, preservá-las e assim preservar as forças de uma sociedade”. (Soares, 1997, p. 204)

Avançamos no tempo, nos métodos e na tecnologia. No entanto, é importante saber se os conceitos difundidos sobre a ginástica se destacam qualitativamente no que se refere ao pensamento oitocentista. Pudemos perceber, com o levantamento bibliográfico inicial, que o conhecimento contido na literatura tradicional nos aponta a necessidade de se repensar e até mesmo redefinir os estudos sobre a ginástica percebendo sua relevância para a efetiva compreensão da prática pedagógica da Educação Física atual.

Encarar a ginástica sob um olhar crítico superador significa compreender em que tempo e lugar surgiram as primeiras sistematizações, quem foram os personagens dessa história e que condições individuais e coletivas, portanto, sócio-econômico-políticas, permitiram a consolidação destes métodos e sistemas, quais eram os princípios ideológicos contidos nessas propostas e que corpo, que homens e mulheres se queria formar com a ginástica do século XIX. Consideramos que é também importante acompanhar a evolução de tais métodos

e sistemas no século XX e compreender quais as variações ginásticas advindas e por que surgiram em tão grande quantidade.

Concordamos com Paiva (1997, p. 197) que

ao longo do século XIX, a ginástica configura-se a partir da integração de diferentes maneiras de sentir, pensar e agir culturalmente circunscritas. Ainda que tenha apresentado formulações específicas e adaptações sucessivas, estas não se colocaram como objeto verdadeiramente conflitante entre as sistematizações. Partilharam a dimensão política (engajar-se num mesmo processo de construção das nações) colaborando com a construção de condutas condicionadas por uma disciplina própria, em última instância aos interesses do capital.

Destacamos a importância de uma maior preocupação com o tema em contraponto à falta de informações sobre as variações ginásticas e seus desdobramentos no século XX. Ginástica olímpica ou artística, ginástica rítmica desportiva, ginástica localizada ou feminina, hidroginástica, antiginástica, ginástica aeróbica e suas infinitas variantes (step, step pump, hip-hop, cardio funk, street beat, yoga aeróbica, aerocapoeira, aeroboxe, etc.) são alguns exemplos de variações apresentadas na atualidade. Consideramos fundamental a preocupação com o tema nos cursos de formação profissional em Educação Física por considerá-lo aspecto da moderna realidade social, portador de significados culturais.

Tais variações não podem ser, simplesmente, desprezadas pelas pedagogias críticas. Rotular de modismo e não aceitar os aspectos significativos da ginástica em sua evolução enquanto elemento cultural e resistir às variações deste conhecimento ao longo da história não aponta para uma posição crítica sobre o mesmo, sobre a forma como é produzido e tornado acessível.

Sabemos que o conhecimento ginástico, tal como o conhecemos hoje, foi elaborado pela ideologia capitalista e assim se mantém na atualidade, porém, de “cara nova”. No entanto, mesmo quando se imagina que o pensamento hegemônico prevaleça, existem alguns espaços de contra-hegemonia. Desmistificar a utilização da ginástica e suas variações mais modernas, com ou sem aparelhos, adaptando o conhecimento ginástico à realidade social local, aponta para uma possibilidade contra-hegemônica em torno da temática.

Por que as modernas variações da ginástica podem ou devem ser praticadas somente em academias, clubes e/ou espaços requintados, envoltas em uma aura de sofisticação que torna tal prática um privilégio de poucos e, mesmo assim, tratada de forma acrítica e descontextualizada da realidade? Certo é que, fruto de uma poderosa indústria cultural, as “ginásticas” também apresentam elementos popularescos e se prestam a manipulações e adaptações regionais e locais e se colocam como conteúdos da cultura corporal.

As variações ginásticas poderiam, então, ser tratadas na escola, como conteúdo válido, metodologicamente distribuído e avaliado, a partir dos princípios da pedagogia crítico-superadora, construindo possibilidades de um conhecimento contextualizado, crítico e transformador.

As diferentes mídias se apresentam como importantes veículos de difusão das variações ginásticas, o que não pode ser desprezado em termos de conhecimento. No entanto, a mídia serve a interesses que não contemplam a perspectiva da transformação social em que estamos empenhados. Cabe aos cursos de formação de professores, de um modo geral, e à escola, em particular, avançar sobre o processo de conhecimento da realidade social sob uma ótica crítica e totalizante. Para tanto precisamos lançar sobre as muitas variações ginásticas outros olhares, tentando estabelecer nexos/relações com o desenvolvimento da sociedade capitalista nos séculos XIX e XX, ou seja, inseri-las no contexto amplo onde elas ocorrem.

Contextualizar a ginástica (inclusive suas muitas variantes) como um dos conteúdos da cultura corporal nos obriga também a destacar a sua atualidade, expressa nas inúmeras variações que atendem objetivos diversos, diferentes pessoas em distintos ambientes considerando a inegável quantidade de praticantes. Entendemos que tais variações ginásticas podem ser tratadas na escola como conteúdo, requerendo uma metodologia motivadora e criativa ao contrário do modelo punitivo como tradicionalmente é desenvolvida quando a ginástica surge apenas como reflexo da esportivização excessiva da Educação Física.

Por que não entendermos a ginástica como um tema da cultura corporal, contribuidora para a formação de cidadãos e cidadãs, possibilitadora de atividades que provocam experiências importantíssimas? Por que não compreender o tema ginástica em sua especificidade variada e concreta quanto à execução, podendo com ou sem aparelhos representar uma

prática social legítima que se transformou e se transforma a partir de inúmeras variáveis?

À partir das problematizações levantadas podemos abordar a ginástica, enquanto conteúdo curricular significativo da Educação Física escolar, sob a ótica da pedagogia crítico-superadora. A ginástica apresenta, para tanto, alguns aspectos necessários como conteúdo a ser selecionado, segundo Soares *et al.* (1992, p. 31), a saber: apresenta relevância social por estar vinculada “... a explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão das determinantes sócio-históricas do aluno...” Como muitas de suas variações representam avanços da ciência e da técnica, o alunado passa a ter acesso ao que há de moderno na contemporaneidade, adequando-se às possibilidades sócio-cognitivas discentes.

Com o intuito de experimentar um olhar crítico-superador e avançar qualitativamente na disciplina Ginástica I (Escolar), ministrada no curso de Educação Física da FEF/UFG, no Campus Avançado de Catalão, operacionalizamos a Semana da Ginástica com o objetivo de ampliar o conhecimento histórico, técnico e científico sobre a ginástica e suas variações, bem como de verificar/perceber a aplicabilidade deste conteúdo no âmbito educacional.

A proposta desta Semana não pode ser dissociada da totalidade do programa da disciplina uma vez que este conhecimento é processual e continuativo. Por totalidade entendemos a integração e a inter-relação das partes para chegar-se ao todo e não apenas a soma das partes. Sendo assim, a Semana de Ginástica deve ser vista como uma das partes integrante da totalidade da disciplina Ginástica I, e não mais um tópico somado ao conteúdo programático.

## CONTEXTUALIZANDO A SEMANA DE GINÁSTICA

Os alunos foram divididos em duplas e, assim, foram realizadas pesquisas bibliográficas em livros e periódicos acerca das variações da ginástica na atualidade. Usou-se como norteador do estudo a fundamentação explicitada na metodologia crítica superadora (Soares *et al.* 1992). Delimitamos nossa atuação ao ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento, o que corresponde ao ensino médio.

Foram elaborados e aplicados 19 planos de aula, tendo em vista a clientela citada e destinando-se a cada aula o tempo de 35 minutos de duração. As aulas foram divididas em dois momentos: 1- exposição teórica sobre o tema da aula escolhido no universo das variações ginásticas, e 2- aplicação prática (introdução, desenvolvimento e avaliação).

A avaliação da atividade proposta foi realizada buscando refletir sobre o desenvolvimento e a exposição teórica do tema escolhido que incluía o conhecimento sócio-histórico, técnico e científico além da aplicabilidade do conteúdo proposto que devia buscar estratégias interdisciplinares com a anatomia e construir a contribuição efetiva da ginástica para formação de cidadãos críticos e participativos. A avaliação foi feita através da participação nas aulas pelo exercício do diálogo. Através de relatórios feitos pelos discentes (em duplas) e entregues ao final da Semana, pudemos refletir sobre o aspecto geral da experiência, bem como avaliar a metodologia adotada na disciplina e o alcance dos objetivos propostos, além de verificar as possibilidades de aplicação da metodologia citada na escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias colocadas em ação nas aulas da Semana de Ginástica podem ser resumidas da seguinte maneira: Primeira parte - fundamentação teórica sobre a sistematização ginástica escolhida a partir de pesquisa bibliográfica, exposição do plano de aula à turma seguida de discussões pertinentes ao ajuste teórico-metodológico da aula proposta. Buscava-se, assim, a construção coletiva do conhecimento relativo à ginástica no século XX. Na segunda parte, exposição, em duplas, do tema escolhido compreendendo a exercitação propriamente dita, as orientações sobre as formas do exercício, abordando a possível utilização no espaço escolar.

Um terceiro momento da aula, a avaliação, inclui o nível de compreensão do tema, suas propostas e aplicabilidade na escola. Algumas observações surgidas no transcorrer do trabalho: a escolha dos temas foi criativa haja vista a limitação de material bibliográfico acerca das variações ginásticas na atualidade e a construção de uma metodologia crítico-superadora que aborde tal temática ainda se encontra subjuga-

da a esta questão, o que nos indica a necessidade de pesquisas atuais sobre este assunto.

Acreditamos, de acordo com Soares *et al.* (1992, p. 78) que constituem-se, “fundamentos da ginástica: saltar, equilibrar, rolar/girar, trepar e balançar/embalar. Por serem atividades que traduzem significados de ações historicamente desenvolvidas e culturalmente elaboradas, devem estar presentes em todos os ciclos em níveis crescentes de complexidade”.

A escola é um espaço riquíssimo e legítimo para a experimentação das possibilidades de ação necessárias para o desenvolvimento do indivíduo integralmente. Segundo Soares *et al.* (1992, p. 77),

no sentido da compreensão das relações sociais, a ginástica promove a prática das ações em grupo, onde nas exercitações como “balançar” ou “saltar com os companheiros”, concretiza-se a “co-educação”, entendida como forma particular de elaborar/praticar formas da ação comum para os dois sexos, criando um espaço aberto à colaboração entre eles para a crítica ao “sexismo” socialmente imposto.

Compreendendo a escola sob esta ótica, podemos e devemos oportunizar aos alunos o acesso ao conhecimento em suas múltiplas nuances e em seus vários “desenvolvimentos”, o que, no caso da ginástica, remete às possibilidades de contextualização das variações ginásticas modernas, de suas relações com o mundo do trabalho e do lazer, do atrelamento à indústria cultural de massa, entre outros.

Concluimos que alcançamos parcialmente os objetivos propostos no que tange a apreender a ginástica, enquanto conteúdo cultural construído historicamente, e a compreender este conhecimento pelo princípio da construção coletiva. No entanto, percebemos também a importância de realizar esta experiência com outras turmas da licenciatura, em termos de pesquisa-ação.

Entendemos que a experiência vivenciada atende aos requisitos apontados pela ementa da disciplina Ginástica I e pode contribuir concretamente para a formação discente, pois, como vivência experimental, a Semana da Ginástica pode vir a estimular novos olhares sobre a ginástica escolar, desmistificando al conteúdo e democratizando sua prática. Enfim, participando ativamente da luta pela transformação social na qual a democratização do conhecimento é parte essencial.

## ABSTRACT

A week of Gymnastics I was held in order to discuss the historical background of Gymnastics, its great number of varieties, and to check the possibilities of use of the space school as far as a critical perspective is concerned.

KEY WORD: Gymnastics – Scholar Physical Education.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BLOCH, Marc. *Introdução à história*. [s.l.: Europa América, s.d.] 179 p.
- PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. *Ginástica/Educação Física: aproximações historiográficas*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10. Goiânia, 1997.
- SOARES, Carmem Lúcia. *O pensamento médico-higienista e a Educação Física no Brasil: 1850-1930*. São Paulo: PMC, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Imagens da Educação do corpo: estudo a partir da ginástica francesa do séc. XIX*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 10. GOIÂNIA, 1997.
- SOARES, Carmem Lúcia, TAFFAREL, Celi Neuza *et al.* *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo, Ed. Cortez, 1992. (Coleção Magistério Segundo Grau).